

Comércio e Fluxo de Capital, seus Efeitos nas Contas Nacionais

Silvia Ferreira Marques Salustiano^{*}

Tito Belchior Silva Moreira^{**}

O presente trabalho faz uma análise voltada para o Brasil e para os países em desenvolvimento, aborda os Investimentos Estrangeiros Diretos (IED), o padrão de especialização dos produtos exportados (capital ou mão de obra), analisa os movimentos da conta corrente e também aponta os desafios a serem enfrentados para que o Brasil possa melhorar sua posição no mercado global.

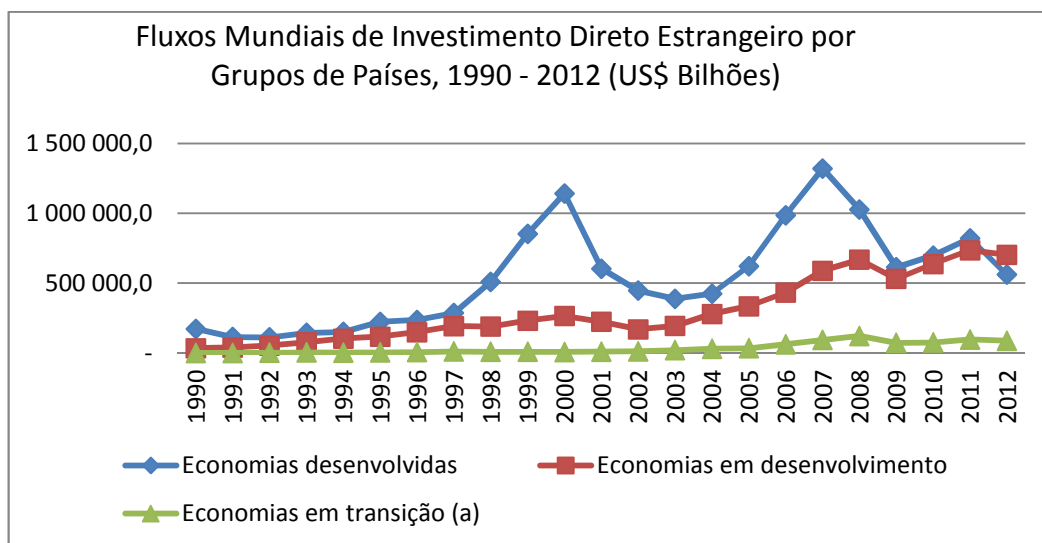
Os Investimentos Estrangeiros Diretos (IED) são dinheiro geralmente investido a longo prazo no país, pois referem-se a aportes de capital vindos do exterior aplicados na produção, na criação de empresas, em fusões e aquisições ou empréstimos entre matrizes e filiais, diferentemente dos recursos destinados aos mercados financeiros.

A figura 1, a seguir, mostra que pela primeira vez os emergentes receberam maior fluxo de IED do que as economias desenvolvidas. No cenário global, os fluxos de investimentos estrangeiros diretos caíram aproximadamente 18% no ano passado, devido às incertezas no cenário econômico, principalmente nos países ricos, onde a queda no volume de IED foi bem mais significativa e atingiu aproximadamente 32%, conforme estatísticas divulgadas pela Unctad (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, 2013).

^{*}Aluna de doutorado do curso de Economia da Universidade Católica de Brasília.

^{**}Professor no curso de Economia da Universidade Católica de Brasília.

Figura 1 – Fluxos Mundiais de Investimento Direto Estrangeiro por Grupos de Países, 1990 até 2012 (US\$ Bilhões).



Fonte: Unctad

(a) Países da Europa Oriental e Comunidades de Estados Independentes.

Conforme tabela 1 a seguir, o Brasil está entre os países que mais receberam fluxo de investimento estrangeiro em 2012. Nosso país foi superado apenas por Estados Unidos, China e Hong Kong. A riqueza de petróleo, minerais e gás, além de uma classe média em rápida expansão, são fatores que atraem esses investimentos, segundo a Unctad.

Tabela 1 – Evolução dos Fluxos de IED no Mundo - US\$ bilhões e variação %.

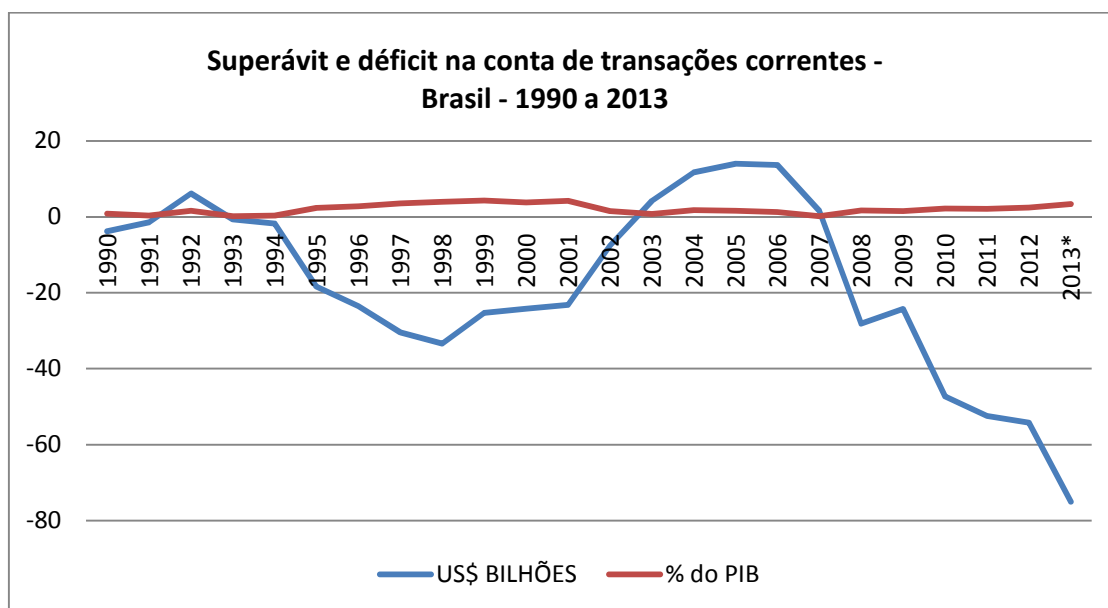
	Países	2011	2012	Var. %
1º	Estados Unidos	227	168	-26
2º	China	124	121	-2
3º	Hong Kong	96	75	-22
4º	Brasil	67	65	-2
5º	Ilhas Virgens	63	65	3
6º	Reino Unido	51	62	22
7º	Austrália	65	57	-13
8º	Cingapura	56	57	1
9º	Rússia	55	51	-7
10º	Canadá	41	45	10

Fonte: Unctad

Quanto às transações correntes, o saldo tem apresentado déficits desde 2007 e o Banco Central fez projeções de US\$75 bilhões de déficit para 2013. No acumulado do ano de 2012 o investimento estrangeiro direto (IED) não foi suficiente para financiar o déficit em conta corrente. No acumulado do ano, enquanto o IED totaliza US\$65 bilhões, o déficit em conta corrente soma US\$75 bilhões.

Apesar dos déficits, conforme apresentado na figura 2 abaixo, a situação atual do Brasil é confortável porque já não há questionamentos em torno da solvência do país. As reservas estão no patamar de US\$376 bilhões e são suficientes para cobrir mais de 120% da dívida externa total brasileira, que alcançou US\$309,9 bilhões, em setembro do corrente ano, conforme divulgado pelo Banco Central brasileiro. É uma situação muito diferente daquela que tínhamos nos anos de 1990, quando qualquer susto gerava pânico e fuga de capitais.

Figura 2 – Superávit e Déficit na conta de transações correntes de 1990 até 2013.



Fonte: ipeadata

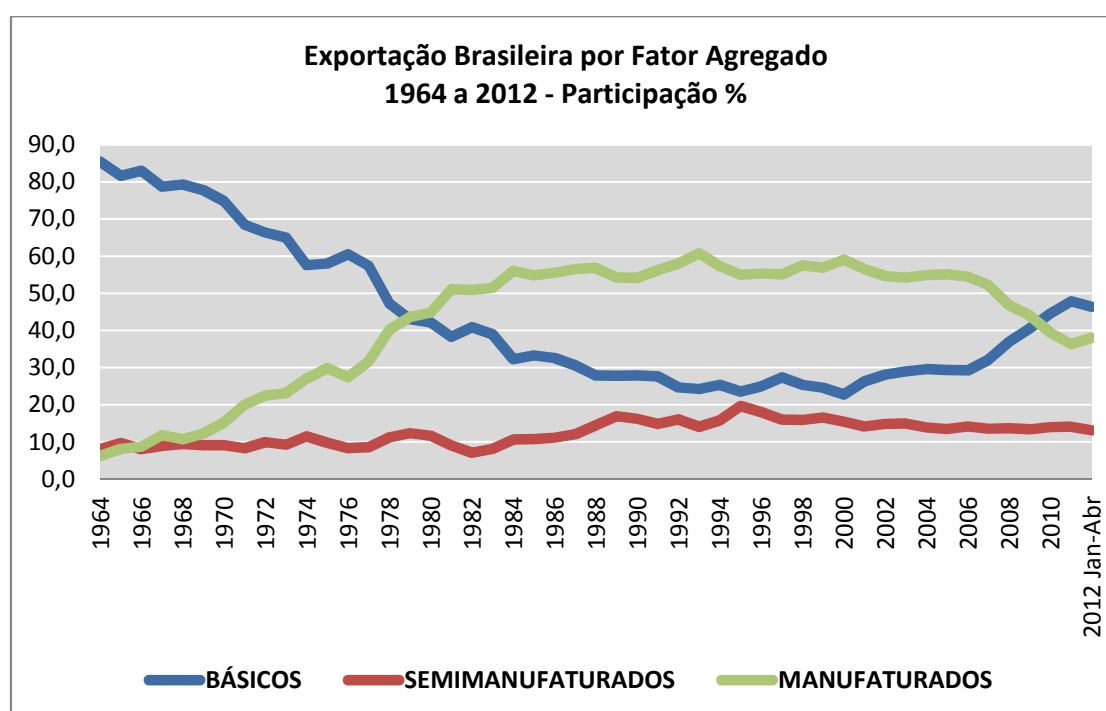
* Projeções do Banco Central para 2013.

Nosso país ganhou espaço e respeito no mercado mundial na última década, mas ainda tem muito para melhorar e conquistar. As exportações brasileiras apresentaram mudanças quanto ao fator agregado, houve a perda da participação das exportações de manufaturados e o aumento das exportações de produtos básicos, que se referem às *commodities*. A explicação para

esse fato, conforme MDIC (2012) está em fatores externos de natureza estrutural, tais como concorrência desleal em mercados onde o câmbio é desvalorizado, sobretudo a China, além de fatores externos de natureza conjuntural, tais como problemas de liquidez internacional com restrição do crédito externo, crise de confiança nos mercados compradores como efeito da crise financeira. E também cabe ressaltar que a queda na demanda externa por manufaturados foi mais forte que a queda na demanda por commodities, por isso a exportação de produtos básicos ultrapassou a de manufaturados.

A causa da mudança de composição da pauta de exportação brasileira está também no fortalecimento do mercado interno, devido ao aumento dos níveis de emprego e renda da população, inclusive com expansão da classe média e redução da desigualdade, o que amplia a demanda doméstica. A figura 3 abaixo mostra as mudanças ocorridas na exportação brasileira por fator agregado em percentual, em que se verifica que desde 1980 é a primeira vez que a exportação de produtos básicos supera a de produtos manufaturados. Complementando as explicações para a mudança de composição da pauta de exportação brasileira, podemos acrescentar o sistema tributário, com elevada carga tributária sobre as atividades produtivas e, além disso, há também os procedimentos administrativos complexos e burocratizados nas operações de comércio exterior.

Figura 3 – Exportação Brasileira, por Fator Agregado – 1964 a 2012 – US\$ Milhões.



Quanto ao saldo da balança comercial, o último déficit ocorreu no ano 2000, em 2001 começou o ciclo de elevação das cotações das commodities e atualmente 70% das exportações são commodities. Economicamente, os resultados do comércio exterior são bons, porém, os dados do comércio exterior têm sustentabilidade apenas com cenário econômico internacional favorável, e, dessa forma, o Brasil tem atuação passiva na exportação de commodities, sem exercer controle sobre seus preços ou resultados. Portanto, a expansão das exportações e superávit comercial dos últimos anos resulta do crescimento mundial e não de iniciativas do Brasil.

Por conseguinte, o crescimento dos investimentos estrangeiros diretos e o saldo positivo da balança comercial e das reservas internacionais demonstram a maior integração do Brasil ao mercado internacional e isso tem sido muito positivo para nosso país. No entanto, de acordo com Sanchez e Donatelli (2011), existem alguns importantes desafios a serem enfrentados por nosso país para que haja avanços no comércio internacional: investir na educação e em novos talentos; melhorar a eficiência do Estado; criar regras claras e garantir a estabilidade das regulamentações; garantir que as regras sejam cumpridas; renovar a infraestrutura de transporte interna e para exportação; perseguir a competitividade e reduzir custos; reformar a estrutura fiscal e trabalhista e também superar barreiras culturais. Essas questões já foram resolvidas por países mais desenvolvidos e, em alguns desses pontos, já é possível identificar avanços no Brasil.

Referências

Banco Central do Brasil. Disponível em<<http://www.bcb.gov.br/?ECOIMPEXT>>. acesso em: 06 nov. 2013.

Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento. Disponível em <www.unctad.org/fdistatistics>. Acesso em: 2 nov. 2013.

FISCHER, S. **Globalization and its challenges.** *American Economic Review*, v. 93, n. 2, p.1-30. 2003.

ROMALIS, J. Factor Proportions and the Structure of Commodity trade, **The American Economic Review**, 94(1): 67-97.2004.

RODRIK, D.; SUBRAMANIAN, A. (2009). **Why did financial globalization disappoint?** *IMF Staff Papers*. Vol. 56, n.1, p.112-138.

ROSSI Jr., J. L.& FERREIRA, P. C. **Evolução da produtividade industrial brasileira e abertura comercial**. IPEA, texto n° 651, 1998.

SANCHEZ, I. & DONATELLI, L. 8 Passos para ganhar o mundo; **Anuário Análise: Brasil Global**, São Paulo, Vol. 6, p.25 - 28, 2011.